

-0. NOV. 1998

142A



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
 ANO I—N.º 45—26 DE MARÇO DE 1942—PREÇO: 1 ESCUDO

O MINISTRO DA MARINHA condecorando com a Medalha de Ouro da Legião, o vice-almirante João de Azevedo Coutinho. À direita, o dr. Costa Leite (Lumbrães), presidente da Junta Central da Legião Portuguesa e ministro das Finanças.

panorama internacional

Forças arrumadas

por Francisco Velloso

DUOCO a pouco, as forças dos dois grupos beligerantes vão-se arrumando e dispondo nos teatros da guerra. Pouco a pouco, a situação internacional evolue em igual sentido. Nas emissões das estações de rádio, nos artigos e informações da imprensa, nas afirmações dos chefes políticos e militares, e até através da atmosfera ambiente, ouve-se uma palavra: — ofensiva. Este facto designa a fase actual da transformação que se opera nos acontecimentos.

A TRÊS MESES DE VISTA

As pessoas que auscultaram no dia 15, nas emissões radiofónicas alemãs, o discurso que, no denominado «Dia dos Heróis», Adolfo Hitler proferiu, notaram na sua voz — sobretudo ao passar em revista os mutilados de guerra, repetindo, por assim dizer, monótonicamente e sem palavras de conforto, os nomes das localidades onde eles declaravam, um por um, ter sido gravemente feridos — qualquer coisa de estranho.



HITLER

O Führer veio a público marcar um comentário e dar uma explicação. Em um e outro caso, voltou-se de frente, não para os seus adversários, mas para a opinião pública do seu país. Assim procedem, em geral, na presente conjuntura, os chefes ou porta-vozes responsáveis das nações beligerantes.

O comentário focou o julgamento de Riom. A explicação recaiu sobre o decurso e as perspectivas da campanha da Rússia. E a segunda preocupou-o mais que o primeiro.

Recordando que se desenrola a leste a «maior campanha da guerra», fez igualmente notar que ela corresponde «à maior provação jamais sofrida pelo povo alemão», causada por haver de combater-se contra «tribus primitivas» (expressão evidentemente forçada, sabendo-se que a 8 de Junho do ano passado era o próprio órgão do partido nazi a declarar «a organização superior» do exército russo, e que este era «um adversário à altura» do lutador alemão), e por este ter de afrontar «o rigor implacável do inverno», o mais violento que a Europa atravessou há 140 anos.

Hitler reconhece que, mercê de uma invernia de quatro meses (e ainda há dias a *Havas* assinalava novas e terríveis ondas de frio), «o inimigo teve tempo para modificar a sua sorte» e abriu então o cofre dos seus prognósticos: — dentro de meses as «enormes massas russas» serão derrotadas; mas uma coisa é certa, «as hordas bol-

chevistas serão batidas e aniquiladas no próximo verão».

A guerra mudou de cariz tantas vezes, que não pode imputar-se exagêro às esperanças de rápida vitória sucessivamente formuladas por um chefe a quem, até à campanha da invasão da Rússia, a sorte das armas bafejou no continente europeu. A *Nova Gazeta de Munique*, quando os exércitos do hoje demitido Von Brauschitch, assaltavam a Linha Estaline, escrevia: «por detrás desta última linha de resistência, não há mais nada que possa opor-se a um ataque». E havia.

Por isto mesmo se explica que Hitler faça convergir forças e forças contra o inimigo, a procurar barrar-lhe a marcha nos gonzos da sua contra-offensiva de dentadas e bôlsas, ao norte em Schlussemburgo e Starraya-Russa, depois, ao centro em Rzev, Viazma e Smolenco, e na linha que ultrapassa Orel, Karkov e Kursk, e finalmente ao sul em Tangarov e na península de Kerch sobre a Crimeia.

Hitler sabe que está aí, a leste, a grande alavanca, o centro de gravidade da guerra neste transe. No exército de Rommel, na Líbia, aparecem tanks e aviões que já serviram contra Timochemco. A linha de abastecimento da Rússia, que passa da Groelândia à Islândia e desta a Murmansk, é tenazmente defendida pelas esquadras e aviação inglesas contra novos esforços alemães para a cortar, assim se explicando a última surtida do *Tirpitz* ao longo da costa norueguesa, da qual parece ter saído algo avariado. A do Iraque e da Pérsia continua aberta e a funcionar, a despeito de manobras de perturbação do *Eixo* em Bagdad, que se sentiram agora na mudança de governo. Quando Hitler aponta ao verão, entra exactamente no cálculo previsto nos meios aliados para o prazo-limite em que a laboração das indústrias de guerra norte-americanas chegariam a um máximo de intensidade e de eficiente influência. Apenas três meses decorrem para os anunciados golpes do Führer e para o emprêgo da mobilização em que actualmente arrasta a fundo toda a Alemanha, em gente e em produção fabricada, dentro do plano quadrienal de Goering, segundo ordens dêste ao sucessor de Todt, o dr. Speer, que lhe é muito inferior em tudo, seja dito.

UM DRAMA NUMA SALA



GAMELIN

O julgamento de Riom mereceu a Hitler o seguinte comentário: «Assistimos hoje ao trágico espectáculo de a acusação dos povos enganados e tão gravemente batidos (a França, dizemos nós, e, por alusão implícita, as nações ocupadas, onde a opinião popular reage) se dirigir não contra as intenções insensatas dos belicistas,

autores da nova guerra, mas unicamente contra uma preparação militar descuidada e por conseguinte, a seu ver, insuficiente». O ponto de admiração com que remata este parágrafo, desenha um espanto justificado e explicável.

As pessoas com relativa cultura jurídica e conhecimento das coisas judiciárias facilmente depararam, no processo de Riom, uma causa enêrma. Os réus defenderam-se desde princípio a certos golpes. Por um lado, clamando que eles estavam pré-designados à condenação, por outro, que Vichy procurava fazer e instalar «o processo da Terceira República». O silêncio de Gamelin e a ausência de Reynaud e de Mandel na audiência facilitaram a argumentação da defesa.

Ora, desde o armistício, fóra oferecida à Alemanha vitoriosa a confissão de que a responsabilidade do desencadeamento da guerra pertencia ao governo francês, contra a vontade do povo. Os textos são às dezenas a comprová-lo. Os representantes de De Gaulle aproveitaram-se dêstes factos para protestar em Londres, e a rádio levou os seus protestos (depois multiplicados em dezenas de folhas clandestinamente publicadas em França) às terras ocupadas e não ocupadas.

Mas o processo de Riom evoluiu logo para outro lado. Daladier e Blum beneficiaram largamente dêsse receio súbitamente sentido pelos seus acusadores, de irem reforçar, se seguissem o primitivo caminho, os argumentos propalados pelos ingleses e pelos gaullistas. E dado o estado dos espíritos, incluindo o de alguns dos mais notáveis adversários de De Brinon, de Darlan e de Laval em Vichy, não houve em que hesitar.

De resto, o caso já tem cabelos e barba branca. Abrimos, ao acaso, um número do famoso *Je Suis Partout*. Tem a data de 4 de Fevereiro de 1938. Na primeira página, ao alto, um dos comentários de Dorsay. E eis o título que inteiramente corresponde ao contexto: «Apoiado no centro e na esquerda o ministério franco-russo (Reynaud-Mandel-Estaline) quer a guerra!» Em baixo, com a assinatura de Claude Jeantet outro grande artigo celebrando com elogios *Cinco anos de Nacional-Socialismo*.

Hitler — e sabe-se quão perfeita foi a acção alemã para atar atrás das costas as mãos da França — tem, portanto, carradas de razão ao espantar-se por ver decorrer em Riom um processo que, de direito e de facto, é retorcido com o fim de evitar que se não faça em audiência aquilo a que os responsáveis e negociadores de Rethondes se comprometeram: — a confissão expressa de que à França e não à Alemanha pertence a responsabilidade do desencadeamento da guerra. Porque não se reconhece hoje — perguntará o Führer — aquilo que os advogados da aliança franco-alemã contra a Inglaterra já reconheciam nos seus mais afamados jornais de corrosiva infiltração, em 1938? E realmente não se

compreende semelhante falta de palavra. Hitler tem razão. Quatro generais depuseram com testemunhas. Provou-se que a França tinha mais 4.000 oficiais que a Alemanha e que a diferença nos efectivos dos dois exércitos era só de 40 divisões. Com outra maior fez Joffre o Marne. Então, quem foi que quis bater-se?... Hitler tem razão.

O ABRIR DOS OLHOS



RAUCHNIGG

Não deixou o supremo chefe da Alemanha nacional-socialista de prevenir o povo contra quaisquer impressões resultantes da intervenção norte-americana no conflito. Não reeditou, porém, agora, o ataque pessoal a Roosevelt. Restabeleceu exactamente o argumento com que se prevenia, antes dessa intervenção, contra um gesto de Washington, que o assalto japonês provocou. «O povo alemão não tem a mínima preocupação com a maneira como o presidente dos Estados Unidos deseja viver nem o mundo que ele prefira. Mas a sua pretensão de organizar a Alemanha e a Europa, segundo os seus interesses, malograr-se-á e com ela desabará o seu próprio mundo».

Segundo Hitler, essa pretensão rooseveltiana é: «derrubar o nosso mundo tal como o queremos, para levantar outro detestado por nós».

É provável que na Casa Branca êstes dizeres já não causem grande impressão. Sumner Welles capitulou-os de mentirosos. E é provável que a opinião das três Américas em geral já não se perturbe. Os acontecimentos do Pacífico acordaram-na, para que, como anteriormente, já não considere absurdos os negócios e as questões da Europa.

As manifestações anti-alemãs do Rio de Janeiro, no Uruguai e na Venezuela, por exemplo, são inevitavelmente uma consequência dessa transformação. O bloco pan-americano não é apenas uma criação com finalidades económicas e o esboço fundamental de uma gigantesca arquitectura política que irá impor-se no futuro. Em 1911, Otto Richard Tannenber, publicava na editorial Volger, de Leipzig um livro retumbante, intitulado: — «A Grande Alemanha, obra do século vinte», livro de manifesto estudo e preconcebido plano porque (tal como sucede com o célebre plano do Estado-Maior alemão de 1895 em cujos preparativos de execução se gastaram, até 1914, dezasseis anos) os acontecimentos confirmaram-no em tudo. Com efeito, nesse livro claramente se escrevia que a Alemanha tomaria sob a sua protecção a Argentina, o Chile, o Uruguai, o Paraguai, o terço meridional da Bolívia e a parte sul do Brasil. Só o Chile e a Argentina, note-se bem, conservariam a sua língua e a sua autonomia. A Rauchnigg disse Hitler muitos anos depois,

que o interessava uma nova Alemanha no Brasil, as probabilidades em toda a América do Sul, e especialmente a Argentina e a Bolívia. As duas ideias colam-se uma à outra. Só no Chile a organização nazi abrangia 20 mil homens, nos 200 mil alemães que lá vivem. Na Argentina os alemães, representando um quarto da população, *controlam* parte das fábricas e o comércio do mate. O *Life*, de 9 de Dezembro de 1940, publicou o sensacional discurso do ministro da agricultura alemã Dore, no qual se lê: «Os nossos produtos industriais superiores serão vendidos a preços muito mais baixos em todo o mundo o que determinará nos Estados Unidos não 7 milhões de desempregados, mas 30 milhões. O sr. Roosevelt suplicará de joelhos então ao Führer que compre aos Estados Unidos, não produtos manufacturados, mas matérias primas a preços que nós impoemos». E acrescentou: «Os Estados Unidos estão actualmente tão desmoralizados e corrompidos que não vale a pena tomá-los em consideração como adversário militar».

Nós ouvimos agora falar na acção dos submarinos alemães no Mar das Antilhas. Mas é preciso ter presente que o Comité Especial de Investigações sobre Actividades Anti-Americanas nos Estados Unidos, criado pelo Congresso em 1938, e cujo presidente é Dies, apurou que em toda a área que naquele mar fiscaliza o Canal do Panamá os alemães tinham já antes da guerra posições valiosas: na estação naval de Mujeres e na ilha de Cozumel, mexicanas; em Bonaca, nas Honduras; em Puerto Cabezas, onde o depositário de gasolinhas era um alemão; na ilha de Santo André, a 300 milhas do Canal, na costa estratégica da Colômbia; na ilha Great Corn da costa da Nicarágua; em Limon, na Costa Rica...

Só havia, pois, uma maneira de resistir à erosão: dar às três Américas a forma sólida de um bloco unido. Sabe-se que grande batalha isto custou na Conferência do Rio de Janeiro, e como já depois dela e a pesar de tudo, rebentaram tentativas sediciosas (e não serão as últimas) naigumas repúblicas.

A guerra à Alemanha não se polariza somente na Rússia, na China, na Índia, na Costa da África do Norte. Bate em cheio nas Américas. Quando Hitler se encontrou dentro deste círculo enorme, entrou com a sua pedra no tabuleiro: o Japão.

A AUSTRÁLIA EM FOCO



CRIPPS

No dia 11, o correspondente do *Times* em Washington, reportando-se a conversas com diplomatas e jornalistas em Madrid, revela que as operações no sudoeste do Pacífico atingirão um ponto em meados de Abril, em que se poderão ajustar contas com a Rússia, e que inicialmente o Japão quisera começar a sua campanha com o ataque à Rússia antes de avançar para o sul (objectivo em que certamente Berlim insistia, como então se aludiu) mas que, conhecida a impreparação norte-americana, foi reconhecido haver tempo para a irrupção dos arquipelagos do sul, tendo hoje os japoneses um exército independente na Manchúria.

A informação, como se vê, é preciosa, e condiz com as declarações do novo embaixador nipónico em Moscova, Sato: ou a Rússia aceita os pedidos de Tóquio ou «as tro-

pas japonesas na Manchúria atacarão a Rússia como atacaram Pearl Harbour». Ha, no entanto, neste dilema sonho a mais, porque nem o russo é desprevenido, como assás o tem mostrado, nem a situação é a mesma porque os Estados Unidos começam a entrar fortemente em cena e a campanha nipónica topa, precisamente ao abordar a Austrália, o grosso das dificuldades.

Bem o viu o correspondente da *Reuter* ao colocar uma chegada maciça de reforços americanos à Austrália na linha desta alternativa de sucessos prováveis. É já indubitável que combóios navais da América entornam reforços e reforços nesse continente. A reacção aérea australiana sobre as novas posições japonesas da Nova Guiné e Nova Bretanha indicia lá a prometida contra-ofensiva. O Japão para desencadear o seu assalto, tem precisão de uma deslocação da sua esquadra para essas paragens e pode admitir que venha chocar-se ali ou noutras bases do Pacífico e até nas suas próprias águas com parte da força naval e expedições norte americanas. Como previmos, o núcleo da resistência das Filipinas foi acrescentado dos que os bravos holandeses criaram em Java, em Samatra e em Timor. São feridas nas ilhargas do inimigo. Em Tóquio, no dia 11, declarava-se rotundamente que o problema capital é bater em produção de armamentos a corrida dos Estados Unidos, e isto é manifestamente o mais difícil, senão impossível, de se conseguir. A nomeação do general Mac Arthur, o heróico defensor das Filipinas, para o comando em chefe da zona australiana e das Índias, com quartel general no grande Domínio, traduz desde já uma orientação. A coincidência de um esforço nipónico de igual potência na Manchúria e no sul é pois simples planificação, cujo efeito psicológico já não produz o resultado psicológico desejado porque — repetimos — a situação dos beligerantes muda a olhos vistos e a facção militar de Tóquio não está vitoriosa senão de superfície, isto é nos prolegómenos de uma campanha cujo vigor ainda não atingiu o máximo da crueza, para ele e para os seus formidáveis adversários. Uma reacção lançada da Austrália (e a partir de qualquer desembarque do invasor, mais os seus meios de acção serão absorvidos) influiria, portanto, não só numa eventual ofensiva na Manchúria, mas no resto da chamada batalha do Pacífico. E antes de chegarem à Austrália, os japoneses têm de manter-se bem na Nova Guiné, sua cobertura estratégica. Por enquanto, o tempo joga consequentemente a favor da preparação dos defensores e contra a dispersão japonesa.

Em Tóquio sente-se que se chegou à encruzilhada em que é necessário rever as disponibilidades. Depois da entrada em Rangun, a ofensiva nipónica susteve-se, quando o Wavell ordenava o levantamento das forças indus cuja organização desde o ano passado começara. É um erro supor-se (e quem conhece a Índia, pode confirmá-lo) que só a solução do problema constitucional — cuja chave, também tornamos a dizê-lo, está, não em Londres mas numa paz de concordância entre os partidos indus — pode condicionar a defesa do Império. A resistência, e depois a ofensiva nacional, dar-se-á na frente de batalha sob comandos ingleses e em cooperação com os exércitos da China, sem encontrar objeções.

A viagem de Cripps tem, pois, uma finalidade diferente: a de criar a paz interior, na base de uma reforma constitucional, congregadora das múltiplas facções

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas	Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31 (kcs 19590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31 (kcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51 (kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15 (kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55 (kcs 7220)	»
Ondas médias	m. 221.1 (kcs 1357)	20.10
	m. 263.2 (kcs 1140)	»
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51 (kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15 (kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55 (kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74 (kcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61 (kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40 (kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS 11695) e 30.52 (KCS 9830)

Vida MUNDIAL

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.ª — Lisboa — Tel. 25844
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.ª — Telefone 2 6942.
———— VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA ————

partidárias. Tal como o homem sul africano, o indú sabe o que deve à Inglaterra, e aborrece o japonês, onde o encontra, na África como na Ásia. Os rajás já o afirmaram ao vice-rei. Cripps deve ter o caminho rasgado diante dos seus esforços, e a presença do nipão nas fronteiras ajudar-lhos-á com oportuníssima realidade, levando ao espirito das populações a sensação de um perigo que não é meramente de palavras nem de sustos passageiros.

A OUTRA FACE



ROMMEL

Esta visita de circunvolução aos teatros da guerra, mostra nos bem como às perspectivas de um ataque multifacial do Eixo — na Líbia e no Mediterrâneo, na Rússia, no Pacífico — se contrapõem outras dos Aliados. O plano do primeiro não é só o que Hitler anunciou no leste europeu. O general Sato, director do ministério da guerra japonês, repetindo aliás afirmações anteriores de Tojo, descerrou no dia 12 a combinação geral: «Depois de ter ocupado Singapura e as ilhas do Pacífico-Sul, o Japão prepara-se para o golpe final contra a Grã-Bretanha, em cooperação com

a Itália e a Alemanha que esperam tomar Suez e Gibraltar num futuro próximo e dar as mãos ao Japão no Oceano Indico». Os reforços a Rommel para a renovação da ofensiva na Líbia, as concentrações já aqui notadas de forças e material no sul da Grécia e na Sicília, o recente ataque da esquadra inglesa a Rodos, o alarme turco, a ordem imposta pelas autoridades francesas de Marrocos aos subditos britânicos para se internarem no país (acto de hostilidade significativa), a orientação de Vichy, de maior estreitamento com a Alemanha, são sinais que não falham quando se pensa no desenvolvimento eventual da batalha do Mediterrâneo pela Alemanha, apoiada em certas bases navais desse mar, desde que — como há pouco disse Oliver Lyttelton ao regressar do Cairo — a campanha ofensiva da Rússia seja detida. Mas, a par dos bombardeamentos da R. A. F., em França, cujo efeito animador sobre as populações é por demais evidente, há-de considerar-se a declaração do general canadiano MacNaughton em Washington no dia 13, de que «a Inglaterra aguarda a oportunidade de desencadear uma ofensiva continental quando a ocasião se proporcionar». E acrescentou que as suas conferências com Roosevelt e os chefes militares «versaram principalmente a questão de se lançar essa ofensiva». Eis a outra face de Jano. E o futuro a Deus pertence.

Ana de Castro Osório, MINHA MÃE

por José Osório de Oliveira

A PESAR de dois exemplos notáveis: o de Eugénia Schumann, consagrando um livro ao grande músico Roberto Schumann, seu pai, e o de Eve Curie, firmando uma biografia da grande cientista Maria Curie, sua mãe, considero-me a pessoa menos indicada para falar da escritora portuguesa de quem sou filho. É certo que possuo, mais do que um estranho, os elementos necessários para traçar a sua biografia literária e social. Mas como poderei dizer qualquer coisa de Ana de Castro Osório-mulher, se ainda hoje, sete anos depois da sua morte, a dor de a ter perdido me embarga a voz ou faz tremer a pena nas minhas mãos habituadas ao ofício de exprimir emoções ou sentimentos?

E de Ana de Castro Osório não se pode traçar o perfil literário sem invocar a pessoa humana, tão indissolúvelmente ligada à sua obra andou sempre a sua personalidade de mulher — de filha, de esposa, de mãe, de avó. Quem nunca a viu ocupada com o governo e o arranjo artístico da casa; quem nunca a surpreendeu a bordar ou a fazer renda; quem ignora que ela criou os filhos sem interromper a sua actividade literária; quem não sabe que ela ensinou a ler a filhos, sobrinhos e netos; quem desconhece que o amor pelo marido foi toda a sua vida sentimental; quem não pode fazer ideia da sua dedicação pelo homem que foi seu companheiro; quem não tem conhecimento do seu culto pelas tradições familiares; quem não tem notícia do seu interesse pelos outros, do gosto com que animava e protegia todos os que precisavam de estímulo ou de auxílio; quem nunca pôde assistir à sua irradiante actividade de espírito e de coração, às manifestações do seu extraordinário poder de simpatia humana, não pode compreender, perfeitamente, o significado da sua obra literária e da sua acção social, as suas ideias sobre o papel da mulher

na sociedade, sobre a função educativa das mães, sobre a importância das artes regionais e das pequenas indústrias caseiras, sobre o valor da tradição e do folclore, nem a sua acção pública em prol de reformas sociais, nem o seu papel na vida política portuguesa, nem a sua obra didáctica, nem a sua obra literária propriamente dita. Quem, desconhecendo a mulher na vida íntima, poderá avaliar bem a intensidade extrema da sua fé patriótica, a sua dedicação apaixonada por todas as causas de interesse colectivo, a abnegação com que sacrificava a sua criação literária por obras pedagógicas, por reivindicações sociais dignificadoras da mulher ou pela missão de assistir aos que de auxílio ou de protecção precisavam?

Não teria sido, ainda, pelo gosto de ser útil que ela criou a literatura infantil em Portugal, matando a fome de livros que tinham as crianças portuguesas, dando aos filhos dos outros o que dava aos seus próprios filhos: a poesia e o sonho? Ela, que escreveu e publicou à sua custa, para distribuir aos milhares, gratuitamente, por todo o país, um folheto: «As mães devem amamentar seus filhos», amamentou, espiritualmente, umas poucas de gerações portuguesas e brasileiras, milhares e milhares de crianças e de adolescentes, leitores da colecção «Para as Crianças» ou de livros escolares e de «A minha Pátria» — esse manual de civismo ainda não substituído. Mas não foram só as crianças que ela alimentou, moral e intelectualmente, com a sua obra, mas as raparigas e as mulheres, e muitos homens de sensibilidade, capazes de apreciar a emoção e a arte de páginas como as do «Diário duma criança», do livro «Quatro Novelas» — verdadeira obra-prima de sentimento e de psicologia.

Mulher fecunda, desentranhou-se em livros, dando-nos, em quarenta anos incompletos de produção literária, uns quarenta volumes e folhetos, além de artigos sem conto, para não falar da sua espantosa actividade epistolar. Mãe inesgotável, ainda tem para nos dar um romance completo, um livro de



A grande escritora — que faleceu em 23 de Março de 1935 — no seu gabinete de trabalho

novelas e outro de evocações, além de mais um romance que a Morte fez deixar em meio. Só mesmo a Morte poderia impedir a continuação de um labor, que a Vida, em circunstância alguma conseguiu interromper. Fecunda como a Natureza, a que chamou «A Boa Mãe», dando esse título a um dos seus livros de leitura, adoptados nas escolas de Portugal e do Brasil! Boa mãe de tantas crianças portuguesas e brasileiras!

RESPONDAM AO NOSSO CONCURSO QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Como temos largamente anunciado, todos os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folheto policial «A Esfera Misteriosa» têm agora uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia. Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até à próxima terça-feira, dia 31, nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três perguntas ligadas com a acção do romance:

- 1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?
- 2.º — Onde está a esfera misteriosa?
- 3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

- 1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
- 2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das perguntas.
- 3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das perguntas.

Esses três prémios são constituídos por:

1.º PRÉMIO — UMA VALIOSA COLECCÃO — NOVE VOLUMES — DOS ROMANCES POLICIAIS E DE AUDACIOSAS AVENTURAS DO PRINCEPI SAVIL, DA AUTORIA DO GRANDE ESCRITOR AMERICANO JOELSON.

- 1 — O rapto de Miss Damby.
- 2 — Os forçados da ilha sem nome.
- 3 — Um crime nas ruas de Nova-York.
- 4 — O tenebroso mistério do Bairro Chinês.
- 5 — A mulher jogada aos dados.
- 6 — A história sem nome dum homem sem pernas.
- 7 — O clube dos egangsters.
- 8 — Um grito no 65.º andar.
- 9 — A dança do sabre.

2.º PRÉMIO — UMA DAS MELHORES OBRAS DO GRANDE ESCRITOR INGLÊS EDGAR WALLACE — O INTRIGANTE (THE MIXER). Um livro assinado por um dos melhores autores do género policial de todo o Mundo.

3.º PRÉMIO — DOIS ROMANCES DA CONSAGRADA «COLECCÃO DETECTIVES»: O CAO POLICIA, de Nelson Mackey, e A TRAGÉDIA DO PAZUACO, de James Black.

Só serão aceitas as respostas recebidas até terça-feira, dia 31, na Redacção de «Vida Mundial Ilustrada», Rua Garrett, 80, 2.º — Lisboa.
O resultado do concurso será anunciado no nosso número do dia 9 de Abril.

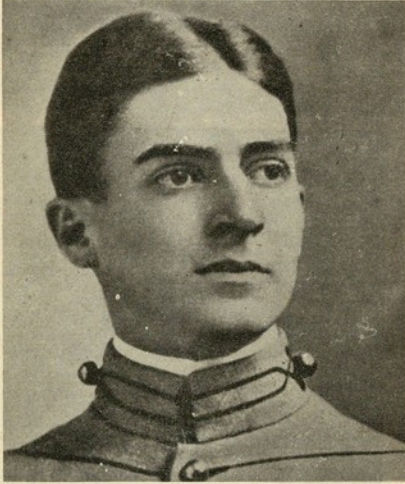
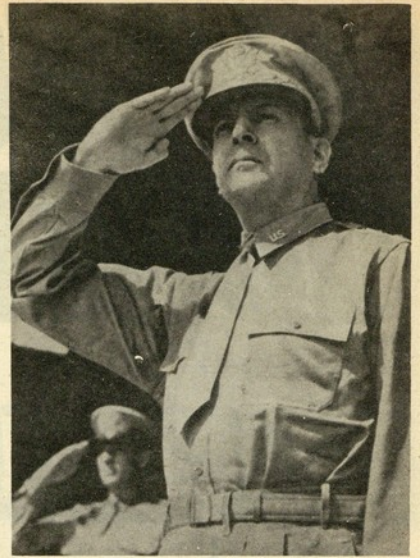


Ana de Castro Osório no salão de leitura de sua casa

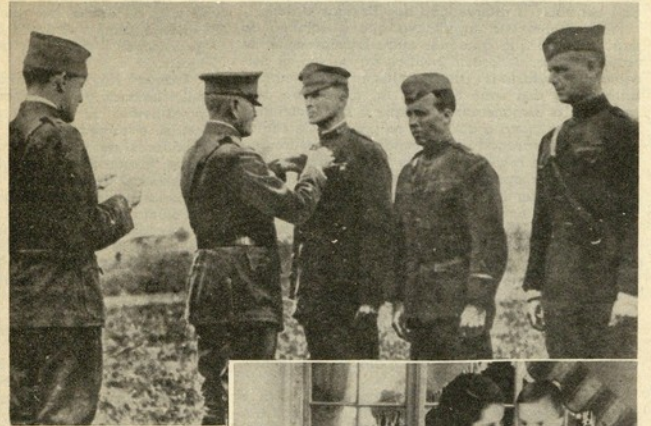
general

MACARTHUR

O novo comandante chefe dos aliados no sudoeste do Pacífico



ESTA PÁGINA DOCUMENTA alguns dos principais passos da vida do general Mac Arthur, o glorioso defensor das Filipinas, a quem foi agora confiado o encargo de preparar a resistência da Austrália e a eventual ofensiva contra o Japão. À esquerda: Mac Arthur, em 1903, aluno da Academia Militar de West-Point. — Mac Arthur, coronel do exército americano e comandante da 42.ª divisão em operações em França em 1918. Em baixo: Mac Arthur, na guerra de 1914-18, faz uma visita a um campo da Flandres acompanhado do general Menoher. — O general Pershing concedera, em 7 de Setembro de 1918, com a medalha dos Serviços Distintos, o então já brigadeiro Mac Arthur, que se distinguira à frente da 84.ª brigada.



O GENERAL MACARTHUR, a sua esposa e o seu filho que com ele viveram em Manila e na fortaleza de Corregidor e agora o acompanharam à Austrália. Casado há 18 anos, Mac Arthur festejou o seu 62.º aniversário nas Filipinas, há meses, já depois de declarada a guerra e em plena luta com os nipões.

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

capítulo III a guerra no mar

1

O BLOQUEIO, E O SUBMARINO

A

S recordações da conflagração de 1914-18 impressionaram, profundamente, os espíritos no começo desta guerra. A vitória da esquadra inglesa sobre os seus adversários, vitória total e irrecusável, criou a mística do poder marítimo da Grã-Bretanha. Durante os trabalhos da Conferência da Paz, Lord Curzon disse que os aliados tinham alcançado o seu

triumfo navegando sobre ondas de petróleo. Essa vantagem, de importância decisiva, só puderam conseguir-se graças à conjugação destes factores: o abastecimento regular da ilha britânica; a redução sistemática da capacidade económica das potências centrais; a intervenção dos Estados Unidos.

Praticamente isto significava que o domínio do mar, mais do que qualquer outra consideração de ordem militar, de ordem política ou de ordem psicológica, conduzia ao triunfo indiscutível do Império britânico e dos seus aliados. Já, mais uma vez, repetiu-se a demonstração de que o mar domina a terra e condiciona o que nela se passa? Os chefes militares encarregados de conduzir as operações tinham a esse respeito as mais justificadas apreensões. Como a opinião pública dos países interessados na contenda, quasi todos eles tinham a opinião de que o emprego da aviação em larga escala revolucionaria profundamente a estratégia clássica, introduzindo um elemento novo no cálculo das probabilidades. A aviação veio, de facto, dar um aspecto novo à arte da guerra. Mas a sua influência, — dados os meios defensivos que rapidamente se criaram — a pesar de importante, tem sido limitada. Durante a primeira fase da guerra continental, até ao colapso da França, nenhuma das grandes unidades navais afundadas desapareceu em consequência de ataques aéreos.

A Grã-Bretanha, em estreita cooperação com a França no domínio naval, renovou a sua tática tradicional que tão bons resultados lhe dera vinte anos antes. O bloqueio voltou a ser o fundamento da sua política de guerra. Esclarecida por uma

lição recente, a Alemanha procurou, desde a primeira hora, libertar-se desse poder que a estrangulava e recorreu à guerra submarina, sem limitações. Ao contrário dos chefes da esquadra alemã em 1914, os novos almirantes do Reich não hesitaram em atacar com a sua arma submarina, pondo em perigo a segurança da navegação inimiga. Durante os primeiros meses das hostilidades foram estes dois factores, o bloqueio e o submarino, que dominaram a situação no mar.

AS FORÇAS NAVAIS DOS BELIGERANTES

As forças navais dos beligerantes podiam resumir-se, assim, no momento em que se iniciaram as hostilidades (1 de Setembro de 1939):

Grã-Bretanha: Navios de linha tendo mais de trinta mil toneladas, 3; navios de linha entre vinte e trinta mil toneladas, 12; cruzadores pesados e ligeiros, 65; porta-aviões, 6; condutores de flotilha, contratorpedeiros e torpedeiros, 170; submarinos, 70; navios auxiliares de diversas categorias, 352. O total de navios de guerra de todos os tipos era, portanto, para a Armada britânica, de 678, com um deslocamento de cerca de dois milhões de toneladas.

França: Navios de linha entre vinte mil e trinta mil toneladas, 7; cruzadores pesados e ligeiros, 20; porta-aviões, 1; condutores de flotilha, contratorpedeiros e torpedeiros, 87; submarinos, 88; navios auxiliares de diversas categorias, 181. A França tinha, portanto, em serviço 384 unidades de todos os tipos. O deslocamento total destas unidades era superior a meio milhão de toneladas.

Polónia: Condutores de flotilha, contratorpedeiros e torpedeiros, 9; submarinos, 6; navios auxiliares de diversas categorias, 29. A Armada polaca dispunha apenas dum total de 44 unidades daquêles tipos com um deslocamento insignificante. Isso não impediu que a acção de algumas dessas unidades que conseguiram, depois da derrota do seu país, refugiar-se em portos britânicos, tivessem sido apreciável.

Alemanha: Navios de linha entre vinte e trinta mil toneladas, 2; cruzadores pesados e ligeiros, 13; porta-aviões, 1; condutores de flotilha, contratorpedeiros e torpedeiros, 36; submarinos, 59; navios auxiliares, 121. Total: 230 unidades cujo deslocamento não alcançava a cifra de trezentas mil toneladas.

Todos os países beligerantes tinham em construção diversas unidades, de todos os tipos, ignorando-se geralmente o grau de adiantamento em que a sua construção se encontrava. Para a aviação das forças navais alemãs entrámos em linha de conta já com algumas dessas unidades. O comando supremo das três esquadras era exercido pelos almirantes Charles Forbes (esquadra inglesa do Atlântico), Darlan (esquadra francesa) e Raeder (esquadra alemã).

O PRIMEIRO EPISÓDIO NO MAR

No dia 4 de Setembro de 1939, registou-se o primeiro episódio importante da guerra no mar. Um pequeno inglês, o «Athenia», navegando no Atlântico, recebeu, sem cheir, um torpedo e afundou-se. A explosão deu-se a meia nau. O paquete ia cheio de passageiros. Em consequência do afundamento deram-se cenas lacinantes que os sobreviventes descreveram e cusuram, em todo o mundo, a maior impressão. Sobre tudo nos Estados Unidos, onde a acção dos submarinos é particularmente sentida, a emoção foi enorme.

Uma revista de origem alemã informou que o torpedeamento fora ordenado pelo almirantado bri-



Almirante francês Darlan

tânico, argumentando que naquela data não era possível haver tempo para os submarinos alemães alcançarem as águas onde se deu o torpedeamento. A verdade é que já na altura havia a prova irrecusável de que uma divisão de submarinos alemães, composta pelos «U-26» e «U-27», sob o comando do capitão-tenente Frieburg, operava no Atlântico Norte, tendo sido vista junto às costas da Noruega e, depois, da Islândia.

Em 17 de Outubro a Armada britânica sofria a primeira perda de vulto: o porta-aviões «Courageous» afundou-se em consequência dum ataque de submarino. O «Courageous» navegava com uma pequena escolta de dois contratorpedeiros e foi atacado ao entardecer. O submarino, que o avistou a grande distância, passou a meia imersão, aproximou-se do alvo e tomou posição para o ataque. Os aparelhos de escuta não revelaram a sua presença e ele pôde lançar, à vontade, uma salva de torpedos que feriu de morte o porta-aviões.

O «Courageous» foi atingido por bombordo, a meia nau e à pópa. Em seguida ao ataque o navio adormeceu rapidamente. Uma parte da tripulação arrou-se à água e conseguiu salvar-se com o auxílio das balieiras de bordo. Apesar disso, registaram-se quinhentas e setenta e oito vítimas, entre oficiais e marinheiros. O comandante do navio, capitão de mar e guerra Mackeig Jones, mantendo uma tradição secular na Royal Navy, conservou-se na ponte do comando até que o navio desapareceu, afundando-se com ele na imensidade misteriosa do Atlântico.

O «ROYAL OAK»

Um incidente extraordinário, cujos pormenores são ainda hoje desconhecidos, e cujas causas constituirão decerto até ao fim das hostilidades um segredo cuidadosamente guardado pelas autoridades navais dos países beligerantes, ocorreu no dia 14 de Outubro.

Um submarino alemão penetrou na baía de Scapa Flow e torpedeou o couraçado britânico «Royal Oak» que ali se encontrava fundeado. Este inci-



Almirante inglês Charles Forbes

dente fêz surgir imediatamente duas perguntas que ainda hoje não conseguiram uma resposta satisfatória: Como pôde um submarino inimigo penetrar em Scapa Flow? E como pôde depois agir com toda a segurança e retirar sem ter sofrido qualquer transtorno?

A baía de Scapa Flow, onde o almirante alemão Reuter afundou a esquadra alemã para a não entregar aos aliados vencedores da última conflagração, é uma vasta baía que costuma servir de fundeadoiro em tempo de manobras. Os canais que dão acesso à baía são defendidos por barragens de minas e por fortes redes de aço que a protegem contra as incursões de submarinos imersos.

Apesar disso, o submarino alemão «U-47», comandado pelo capitão-tenente Prien, penetrou de noite em Scapa Flow e realizou a sua proeza. O ataque foi simultaneamente feito contra o «Repulse», que depois havia de ser destruído nas águas de Malaca, e contra o «Royal Oak». Este último afundou-se, morrendo oitocentos e três seus tripulantes, e o almirante Balsegrave, comandante de uma das divisões da Home Fleet, que, na altura do torpedeamento, se encontrava a bordo.

Dez dias depois revelava-se a existência de couraçados de alibeira alemães no Atlântico norte. Um vapor americano, o «City of Flint», foi apressado por um deles, o «Deutschland», que depois passou a usar o nome de «Lutzow», e conduziu para um porto russo. O facto revestia-se de uma importância capital para a segurança das vias de comunicações marítimas. Verificava-se que os alemães faziam simultaneamente a guerra submarina, sem restrições, e a guerra de corsos, com o auxílio de algumas das suas mais valiosas unidades de superfície. O «City of Flint» foi libertado depois de uma diligência diplomática do governo norte-americano.

AS MINAS MAGNÉTICAS

Com o início de Novembro, a guerra no mar trouxe uma inovação sensacional. A guerra submarina e de corso, activamente contrariada pelas autoridades navais britânicas, os alemães fizeram suceder, pelo menos temporariamente, uma nova modalidade: a guerra de minas. Em vez de utilizarem a mina vulgar de antena, apareceram com um agente de destruição desconhecido: a mina magnética. Que diferenças fundamentais havia entre esta e a mina vulgar?

Na mina magnética a carga explosiva é constituída por atonite, em vez do troil usado nas minas vulgares, mais leve do que este e muito mais poderoso. A mina magnética assenta no fundo do mar, não necessitando de câmara de ar, o que permite utilizar todo o interior da carcaça para a carga explosiva. Tem um lastro de chumbo para lhe garantir a estabilidade, e a inflamação da carga faz-se pela incandescência de um fio de platina introduzido no detonador. Possui uma agulha magnética que se desvia da posição de equilíbrio sempre que do engenho se aproxima um casco metálico. O casco actua como um íman, estabelece o circuito de inflamação, a corrente passa ao fio de platina e este provoca a explosão do detonador. A mina magnética explode no local onde foi colocada, só podendo, por isso, ser utilizada eficazmente em sitios onde o fundo não tenha uma profundidade superior a trinta metros. Para colocar as minas magnéticas os alemães utilizavam submarinos e aviões.

No dia 14 de Novembro foi afundado, pela acção



Capitão-tenente Prien, que forçou a baía de Scapa Flow

das minas submarinas, o primeiro navio de guerra inglês, o contratorpedeiro «Blanche». Uma semana depois, a 22, um avião alemão voando sobre o Tamisa deixou cair minas magnéticas munidas de páraquedas. Uma delas caiu num baio vivamente iluminado pela luz do luar.

Chamados os peritos da Escola de Torpedos de Vernon, um deles, o tenente de marinha Ouvry, quis, sozinho, arrostar com todos os riscos e conseguiu caçar e desarmar o engenho. O segredo foi rapidamente descoberto. A mina tinha dois detonadores, o segundo dos quais se destinava a provocar a explosão quando caísse no convés de qualquer navio, pesava 750 quilos, dos quais 320 representavam a carga de explosivo. O tenente Ouvry foi condecorado pela valentia e perícia de que deu provas naquela emergência.

O DRAMA DO «RAWALPINDI»

Quando em 23 de Novembro navegava próximo às costas da Islândia, o navio inglês «Rawalpindi» foi atacado e afundado pelo couraçado de alibeira «Deutschland». O «Rawalpindi» era um navio de dezasseis mil toneladas transformado em cruzador auxiliar. O seu armamento era constituído por quatro canhões de 150 milímetros. Comandava-o um oficial da marinha de guerra na reserva, o capitão de mar e guerra Kennedy, que se distinguira por actos de bravura na conflagração de 1914-18.

O ataque deu-se ao anoitecer e em condições que não podiam deixar no espirito da tripulação do navio atacado quaisquer dúvidas sobre a sorte que os esperava. O «Deutschland», que tinha um armamento poderoso, peças de 280 milímetros, logo que avistou a «Rawalpindi» preparou-se para o atacar. O trabalho de preparação que precedeu o ataque não passou despercebido a bordo do «Rawalpindi» onde todos os tripulantes, embora tendo a noção exacta do perigo que corriam, se prepararam para uma defesa tenaz e honrosa do seu navio.

A primeira salva que partiu do couraçado alemão não atingiu o alvo, o que permitiu que os telegrafistas do «Rawalpindi» transmitissem os sinais de alarme que fizeram com que o navio de linha inglês «Repulse» se dirigisse rapidamente para o local do combate, nada tendo, porém, podido fazer. Com a segunda salva do «Deutschland» a chaminé e duas das baleiras do navio atacado foram pelos ares. As granadas alemãs começaram então a cair, ininterruptamente, no convés do «Rawalpindi», dizimando a tripulação. Enquanto tiveram guarnição as peças de 150 milímetros dispararam. Quando a última se calou, as explosões sucediam-se. Na ponte de comando, o capitão de mar e guerra Kennedy permanecia, imperturbável, dando ordens, as suas últimas ordens que já ninguém podia escutar, no meio da tempestade desabalada. O navio afundou-se pela proa levando consigo o comandante Kennedy. Quando se afundou, era um brazeiro imenso a iluminar a solidão do mar da Islândia. Alguns sobreviventes puderam arricar embarcações e afastar-se do local do drama, únicas testemunhas que ficaram para relatar um dos actos mais heróicos da guerra no mar.

RESUMO DE PERDAS

Deixemos o parêntesis da batalha naval de Montevideo, a que adiante nos referiremos, para darmos, ao fim de quatro meses de luta no mar, um resumo das perdas sofridas, no número e tonelagem, das marinhas mercantes e de guerra dos países beligerantes e neutros, vítimas imoladas à fúria de destruição que caracteriza os modernos métodos de luta em que os povos se envolvem.

Total das perdas da marinha mercante, de 1 de Setembro a 31 de Dezembro de 1939, nos países beligerantes e neutros: 248 navios, representando um total de 970.557 toneladas, ou seja uma média aproximada de dois navios afundados diariamente pela acção de minas ou submarinos.

A discriminação destes afundamentos faz-se da seguinte maneira:

- Grã-Bretanha: 112 navios, 422.232 toneladas, média 1 por dia.
 - França: 12 navios, 56.100 toneladas, média 3 por mês.
 - Polónia: 1 navio.
 - Alemanha: 41 navios, 224.535 toneladas, média 10 por mês.
 - Países neutros: 82 navios, 267.690 toneladas, média 20 por mês.
- A nacionalidade dos navios mercantes de países neutros afundados durante esse período discrimina-se assim: Noruega, 23; Suécia, 19; Dinamarca, 9; Finlândia, 5; Estónia, 1; Lituânia, 1; Rússia, 1; Holanda, 7; Grécia, 9; Japão, 1; Bélgica, 2; Itália, 2; Yugo-Eslávia, 2.

As perdas das frotas de guerra dos beligerantes, por acções de guerra, são dadas pelo seguinte quadro:

- Grã-Bretanha: 8 unidades.
- Polónia: 2 unidades.
- Alemanha: 27 unidades.

Entre as perdas britânicas contam-se um navio de linha, o «Royal Oak», e um porta-aviões, o «Courageous». Entre as perdas alemãs incluem-se



Almirante alemão Raeder

20 submarinos, sobre cujo afundamento não se estabeleceram dúvidas.

Dois outros navios de linha britânicos foram «tocados» sem prejuizo de maior. Ambos os acidentes se deram no mês de Dezembro. Em 14, o couraçado «Nelson» chocou com uma mina magnética; em 28, o «Barham» foi atingido por um torpedo. Em ambos os casos houve baixas nas respectivas guarnições, e ambos puderam ser reparados nos estaleiros britânicos com rapidez, regressando imediatamente à sua linha no mar.

RESULTADOS E PREPARATIVOS

Em fins de 1939 era possível fazer já um balanço dos resultados obtidos pelos beligerantes na guerra marítima.

O bloqueio britânico teve uma contrapartida no contra-bloqueio estabelecido pelos alemães em volta da ilha; os ataques por submarinos alemães encontraram uma réplica adequada na campanha anti-submarina conduzida pontualmente pelas unidades ligeiras da armada britânica. Nenhum desses métodos se revelou susceptível de conduzir a resultados imediatos e espectaculosos com influência decisiva na marcha da guerra. Como na conflagração de 1914-18, o bloqueio britânico começou a estreitar de perto a enfraquecida economia do Reich, e os submarinos germânicos começaram a diminuir a tonelagem indispensável ao transporte dos géneros e materiais necessários à vida na ilha. Em consequência da sua acção, os alemães foram obrigados a procurar novas fontes de abastecimento e os ingleses a aumentar a cifra das suas construções navais. Por outro lado, a eficiência da esquadra de linha da Grã-Bretanha ficou suficientemente demonstrada; nenhum dos navios dessa esquadra foi afundado por ataques aéreos.

Prevendo para as hostilidades uma longa duração, todos os países envolvidos na luta aceleraram a execução dos seus programas, procurando recuperar, por uma intensificação do trabalho em estaleiros e arsenais, o tempo perdido e remediar os inconvenientes postos em relêvo pela experiência.

A Grã-Bretanha ultimou os preparativos para que pudessem entrar em acção, o mais rapidamente possível os seus couraçados de 35 mil toneladas («Jorge V», «Príncipe de Gales», «Duque de York», «Jellicoe» e «Beatty»), e intensificou os trabalhos de construção dos seus dois navios de linha de 40 mil toneladas (tipo «Lion»).

A França encetou a tarefa de armar os navios de linha que tinha muito adelantados: o «Richelieu» e o «Jean Bart», ambos de 35 mil toneladas, e apressou os trabalhos de acabamento em outras duas unidades da mesma série, o «Clemenceau» e o «Gascogne».

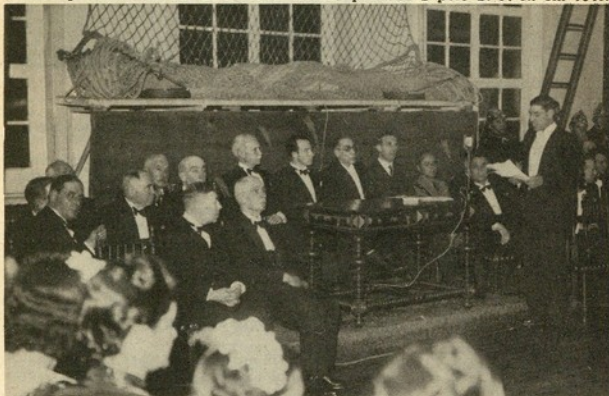
A Alemanha ultimou os trabalhos de construção nos dois navios de 35 mil toneladas que tinha já muito adelantados nos seus estaleiros, o «Bismarck» e o «Tirpitz», e anunciou o lançamento à água, em Wilhelmshaven, dum navio de 40 mil toneladas. Nenhum dos países interessados tinha dúvidas sobre a importância que a guerra no mar já assumiu.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).



O ALMÔÇO REALIZADO NO CIRCULO «EÇA DE QUEIROZ», durante o qual foram proclamados os escritores e artistas premiados pelo S. P. N. em 1941.



UM ASPECTO DA SESSÃO SOLENE comemorativa do 67.º aniversário da fundação do Ginásio Clube Português.



O CÔNSUL DA FRANÇA NO PÓRTO E SUA ESPOSA, barões de Alexandry d'Orengiani promoveram no seu palacete uma festa em honra do escritor Armand Guibert, a que assistiram pessoas da mais alta categoria no Norte.



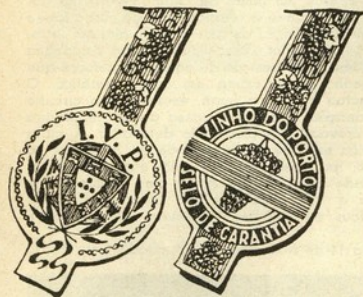
MADemoiselle SOFIA DE MELO BREYNER ANDRESEN recitando versos da sua autoria durante a festa.



1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

APYROL

A venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogeries

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*

Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO XIV

REVELAÇÕES INESPERADAS

TODAS as suas ideias formadas acerca do mistério da bola de aço tinham sofrido um abalo tão forte que pouca coisa de sólido e concreto ficara de pé. Agora, acanhado a um canto do «taxi» a caminho de William Street, em Long Island City, onde residia «mistress» Gordon, Charles Read lembrava as estranhas revelações que seu ajudante lhe fizera, e tentava retinir em sua mente todos os pormenores, todos os episódios, todos os indícios que possuía a fim de se orientar.

Ainda sentia um estremeamento de raiva e de despeito, ao recordar o momento em que Jack Harman, entrando como um furacão pelo seu gabinete, lhe atirou aquela frase, com quem atira uma pedrada:

— Aconteceu que a bola de aço, afinal, é de prata!

Uma pancada que lhe tivessem vibrado na cabeça, não lhe teria produzido um efeito tão desmoralizador. Tudo quanto architectara acerca do valor e do significado da esfera ruira num momento. E que, sendo a prata um metal mais caro do que o aço, para o caso, transformava-se em coisa de pouca monta, que não valeria o interesse que John King ou Raicar mostravam por ele. Já não era, portanto, como imaginara, a liga de aço de que a esfera era constituída que originava todas as lutas e paixões desencadeadas à sua volta.

Mas as surpresas desconcertantes não se citavam apenas nesse pormenor. Jack Harman contara minuciosamente o episódio do seu encontro com George Marly, que veio modificar e destruir todas as ideias que Charles Read formara sobre o assunto.

Jack Harman, ao partir para o Continental Hotel, levava o propósito firme de desvendar todo o mistério e, possivelmente, apoderar-se da esfera de aço.

O inglês acolhera-o com grande cordialidade. Harman, para o cativar melhor, fôra-lhe dizendo, logo à chegada:

— O seu assunto, «mister» Marly, parece bem encaminhado. Nós conhecemos o autor da fórmula. É um indú chamado Crisnam Raicar. Estamos procurando afanosamente o seu paradeiro, pois sabemos que reside em Nova-York. Há, porém, uns pormenores que só o senhor pode esclarecer.

— Mas estou inteiramente às suas ordens — disse Marly. Tudo quanto possa contribuir para a descoberta do indú, só reclusa em meu benefício.

Jack Harman queria procurar uma forma subtil de abordar o assunto da esfera. Marly só pensava em obter a fórmula; elle só pensava em lançar a mão à esfera. Queria ver se conciliava o seu interesse com o do inglês.

Mansamente, Harman insinuou:

— Eu creio que «mister» Marly, quando comprou a fórmula, recebeu também, por brinde ou por compra, ou talvez como precioso presente de Judy Gordon, um objecto de pouca importância, uma esfera...

— Uma esfera?!... — estranhou Marly,

— Sim, uma esfera — confirmou Harman.

— Não, meu caro amigo, Judy nunca me vendeu, nem deu coisa alguma — replicou o inglês, com um sorriso zombeteiro. — Eu é que lhe dei vários objectos, pequenas prendas que se costumam oferecer às mulheres que nos merecem algum interesse.

Harman pensou, por momentos, que George Marly comprehendera perfeitamente a sua alusão e se fazia desentendido. Não estava disposto, porém, a deixar-se enredar facilmente pelo inglês, e objectou:

— Eu refiro-me a uma esfera de aço, «mister» Marly. Essa esfera pertencia a Crisnam Raicar, o autor da fórmula que o senhor comprou. Ora, Raicar está

seu quarto. Jack Harman esperou-o, cheio de ansiedade.

Pouco depois, voltou o inglês com a mesma bola luzidia que o ajudante de Read entrevira no fundo da mala.

— Aqui tem a esfera — disse Marly, passando-lha para as mãos.

Era um objecto perfeitamente estéril e liso, bastante brilhante.

Jack Harman examinou-o com muita atenção. Estava longe de possuir o peso que attribuiam à bola de aço — cinco quilos e duzentas e trinta e três grammas. Aquella esfera pesaria quanto muito um quilo, o que representava um peso considerável, tratando-se de um objecto de prata.

— Não, não é esta a esfera que eu imaginava — disse Harman, desiludido,



Tudo por causa daquele maldito homem que se diz nosso amigo...

convencido de que Judy Gordon, por graça, por capricho ou por levandade, não sabendo que elle lhe attribuira grande importância, levou-lhe de casa essa esfera... Se não me engano, a mesma que ontem vi na sua mala, quando o senhor procurava os documentos que me queria mostrar...

— A mesma esfera! — exclamou Marly, muito grave. — Não pôde ser. A esfera que eu possuo é uma espécie de talisman em prata, que me foi oferecida há muitos anos, em Calcutá, por um marajah indú. Na verdade, a esfera de prata parece que me dá sorte, tanto assim que me habituei a levá-la comigo para toda a parte. Um momento, eu já lhe mostro.

E Georges Marly ausentou-se, uns instantes, desaparecendo pela porta do

restituindo-a a Marly. — A outra é de aço, não é de prata.

O inglês estava pensativo. De súbito, exclamou:

— Mas existe uma esfera de aço perfeitamente igual a esta!

Jack Harman sentiu o coração pulsar-lhe em sobressalto no peito. Afinal, a esfera de aço era uma realidade, e aquele inglês sabia da sua existência.

— É curiosa a coincidência da esfera de aço ser precisamente igual à de prata — disse Harman, no intuito de provocar mais largas explicações.

— Sim, bastante curiosa — concordou Marly, sentando-se num «maple» e brincando com a esfera de prata. Claro que a semelhança é só no volume. Basta serem de metais diferentes, para não serem iguais.

— Mas a sua semelhança no volume deve ter a sua razão — insinuou Harman.

— Pois tem — disse Marly. — Pouca gente conhece a história das duas esferas, a de aço e a de prata. Há só duas pessoas que a conhecem a fundo: eu e o marajah que me deu esta péla que o senhor está a ver. Mas eu conto-lha, porque é na verdade interessante.

Jack Harman ardia em impaciência. E a sua atenção estava toda concentrada nos ouvidos.

— Eu estive há muitos anos na Índia — principiou George Marly. — Partira para aquele imenso e rico país com o propósito de trabalhar e amealhar uma fortuna. Não tinha parentes próximos em Inglaterra, com excepção de um tio rico, irmão de minha mãe, já então falecido, e que tinha por mim aquele desprezo que merecem quasi sempre os parentes pobres.

«Fui sempre, desde muito novo, um apaixonado por coisas de engenharia e sonhava dirigir um dia uma grande indústria. Quando parti para a Índia não levava um plano certo de vida. Depois de estudar o ambiente local, me decidiria pelo caminho a tomar. Instalei-me em Calcutá e, após uns estudos e cálculos, cheguei à conclusão de que nos arredores da cidade havia possibilidades de instalar uma indústria de altos fornos, com grandes perspectivas de êxito.

«Tentei interessar no negócio alguns capitalistas de Calcutá, mas na sua maioria mostraram-se indiferentes. Os indús são avessos a acreditar nos progressos da indústria moderna. Vivem muito apegados às suas tradições. A Ciência ocidental só lhes merece, senão desprezo, pelo menos, desconfiança. Como sou perseverante, consegui instalar a indústria, em proporções muito mais acanhadas do que planeára, mas, enfim, ao cabo de alguns meses de trabalho insano, eu fabricava aço nos arredores de Calcutá. Como só podia produzir pequenas quantidades, os lucros eram muito reduzidos e mal cobriam as despesas. Eu não desistia, porém, e tentava, com os primeiros resultados obtidos, conquistar as simpatias dos capitalistas indiferentes e arranjar capitais para desenvolver a minha indústria.

«Mas uma muralha de gelo não seria mais difícil de derreter do que a indiferença daquela gente. Um dia, pensei em executar uma manobra de natureza política, chamemos-lhe assim, que chamasse a atenção das classes abastadas para a minha fábrica. Dirigi um convite solene ao marajah para uma visita às oficinas, e o marajah aceitou.

«Fiz-lhe uma grande recepção, com os operários formados dando vivas, a fábrica toda engalanada, e, na companhia do rico senhor, percorri todas as dependências, explicando-lhe o funcionamento dos maquinismos, etc.. Na sua presença, fabriquei então uma esfera de aço, operação que elle seguiu cheio de curiosidade. Depois, à despedida dei-lhe a esfera de presente, dizendo-lhe: «Faço votos por que esta esfera, que tem a forma de mundo, lhe dê prosperidades tão grandes como o próprio mundo em que vivemos». O homem ficou muito comovido com a oferta e, sobretudo, com as minhas palavras.

«Poucos dias depois, um emissário do marajah procurou-me na fábrica.

(Continua na pág. 12)



FALA-SE ESTA SEMANA DE...

ENGENHEIRO LUIZ FERNANDO DE SOUSA



Novo director do jornal «A Voz», lugar em que sucedeu a seu pai, o insigne jornalista Conselheiro José Fernando de Sousa, falecido recentemente. Continuador duma grande tarefa, o novo orientador d'aquêle diário recebe um pesado encargo. As suas qualidades de carácter, a sua intelligência e o seu espirito combativo são segura indicação de que a interessante obra jornalística de Fernando de Sousa, que tão assinalada ficou na vida da imprensa, perdurará com a mesma intensidade.

C R I S T I A N O L I M A



Jornalista, dramaturgo e escritor, autor da biografia de Anthony Eden, recentemente editada pela Parceria António Maria Pereira, na sua interessante colecção «Os homens da guerra». A personalidade do actual ministro dos Negócios Estrangeiros inglês, a sua carreira na guerra e na paz, as razões da seu afastamento do primeiro plano da politica, antes desta conflagração, e outros passos da vida do capitão Anthony Eden são descritos, com grande poder de observação, numa magnifica síntese.

R O B E R T O N O B R E



Notável artista plástico, cuja obra está patente em numerosas produções de mérito e magnifico illustrador, com trabalhos valiosos em muitas publicações portuguesas, que é também um crítico cinematográfico de reconhecida competência e que recentemente fêz, na Sociedade «A Voz do Operário», uma interessante conferencia de divulgação cultural sobre «Os dois mistérios fundamentais do cinema». Nela, Roberto Nobre confirmou os seus grandes conhecimentos da arte cinematográfica, já expressos e desenvolvidos em muitos artigos de critica e em livro.

Y G I A T O L E D A N O E Z A G U Y

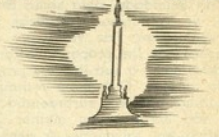


Poetisa, autora do livro «Ele...», que foi pôsto à venda há dias, de quem Matos Sequeira, ao apresentá-la ao público, no prefácio, diz: «Os seus versos sabem à sua sensibilidade tão feminina, como a água nascente sabe à rocha donde jorra. O artificio ainda os não turvou: a ciência ainda não corrigiu, numa algebric íntima cheia de preocupações, corrigíveis faltas e excessos que são o seu melhor sabor. Daqui o seu gosto, a sua transparência, o seu frescor sadio, isso tudo que sabe acudir à sede que mata...».



DOIS ASPECTOS DA HOMENAGEM prestada ao sr. vice-almirante João de Azevedo Coutinho, no Quartel de Marinheiros, por iniciativa da Brigada Naval, a que se associaram os srs. ministro da Marinha e das Finanças.

Novos aspectos de LISBOA



VISTA GERAL DO PALÁCIO FOZ que vai ser restituído à sua beleza primitiva e onde vão ser instalados vários organismos do Estado. As obras de demolição, nas traseiras, estão muito adiantadas. Nesse local, vão resurgir os belos jardins do Palácio.



UM ASPECTO DA NOVA GARE MARÍTIMA de Lisboa, em Alcântara, cujas instalações estão já prontas e que vai ser brevemente inaugurada com a chegada dum paquete português.



NO PARQUE EDUARDO VII, junto ao gradeamento da rua Marquês da Fronteira, a Câmara cedeu ao seu pessoal grande porção de terreno que foi dividido em talhões para ser cultivado.



ASPECTO PARCIAL DAS OBRAS DE URBANIZAÇÃO do Parque Eduardo VII que estão a executar-se segundo o projecto Cristino da Silva. A foto mostra-nos o sítio onde até agora existia o lago. Através dêsse local vai-se rasgar uma avenida que ligará a Rotunda do Alto do Parque, em prolongamento da Avenida da Liberdade.

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da pág. 9)

Tinha um ar misterioso. Recebi-o com toda a afabilidade no meu gabinete de trabalho. O homem, então, pousando um volume envolto num tecido de seda, disse: «O marajah, meu amo, tem a honra de lhe enviar este presente, pedindo-lhe encarecidamente que o aceite. Ele é uma prova humilde da gratidão do meu senhor pela oferta da esfera de aço, que lhe qualifica de esfera da felicidade, pela soma considerável de venturosas surpresas que lhe proporcionou. Faz votos por que esta recordação lhe proporcione tantas felicidades como a sua lhe tem proporcionado, a ele». O homem retirou-se, deixando-me bastante surpreendido.

«Eu não acredito, ou melhor, não acreditava em talismãs. A verdade, porém, é que, pelo que vim a averiguar, o marajah tivera, após a minha dívida, várias surpresas felizes. Seria por influência da esfera de aço? Não sei. O que não é menos certo é que a sua oferta — a esfera de prata que vinha embrulhada num fino tecido de seda — parece ter tido grande influência benéfica na minha vida. No mesmo dia em que o emissário do marajah me levou, recebi eu um telegrama de Londres pedindo o meu rápido regresso a Inglaterra, porque o meu tio rico tinha falecido e eu era o seu único herdeiro.

«Ainda me conservei em Calcutá cerca de um mês, a liquidar os meus negócios, pois era minha intenção fundar em Inglaterra, visto que já tinha capitais suficientes, uma grande indústria. Poucos dias, porém, antes de embarcar, tive notícia de que tinham furtado a esfera de aço ao marajah e que logo em seguida lhe faleceria uma filha e ele próprio, numa capada aos tigres, ficara gravemente ferido. Seriam essas desgraças consequência da falta da esfera que o protegia? Não sei, nem quero profundar essas coisas. Sei apenas que tenho tido o cuidado de não me destaxar da bola de prata. Os meus negócios têm prosperado e todos os empreendimentos a que me tocam alcançam um triunfo certo. E aqui tem, meu amigo, a história da «esfera de aço».

Jack Harman quedara meditativo. Agora sabia bem o que representava a esfera de aço. Todas as suposições que, tanto ele como Charles Read, haviam feito sobre a inofensivo objecto caíam pela base. A bola de aço não passava de um talismã. Daí o interesse de Raica; em possuí-lo e a avidez com que John King procurava reapossar-se dele. Não havia de existir outra razão na ânsia com que o procuravam. Todos aspiravam à conquista da felicidade.

Jack Harman contara a Charles Read tudo o que ouvira da boca de Charles Read. Aquelas revelações produziram uma verdadeira reviravolta no espírito do polícia. O choque desconcertara-o. A verdade que ele construira, à força de deduções, transformara-se subitamente em mentira, para começar a surgir outra verdade em seu lugar. Principava a compreender o motivo de certas reticências nas palavras de Raica. A esfera não lhe pertencia; ele era, como John King, um seu detentor eventual; queria reacquirir um objecto que, afinal, não pouco lhe pertencia. O verdadeiro dono da esfera de aço era o tal marajah indú. Possivelmente, Crisnam Raica se não a furtou ao marajah, adquirira-a por qualquer processo e trouxera-a consigo para a América. Teria sido o indú o autor do furto ao marajah? Read não tinha elementos com que responder a esta pergunta que logo surgira no seu espírito. Era muito possível que Raica a tivesse comprado a quem a furtara ao marajah.

A esfera de aço não devia conter nem fórmulas, nem qualquer segredo. Era uma bola banal, um simples pedaço de aço sem outro valor senão o que a superstição lhe criara.

O indú trouxe-a para a América, Judy Gordon roubou-lha para a vender a John King, depois furtou-a novamente para... Para quê? A hipótese de

a ter levado para a vender em Inglaterra, a George Marly, caíra pela base. Um mistério mais dens: envolvia agora o desaparecimento de Judy Gordon. Teria alguém, sabedor do segredo da esfera de aço, assassinado Judy para lhe furtar, tal como ela assassinara o criado de Raica para se apossar da coibida bola?

Estaria o desaparecimento de Dorothy ligado ao caso da esfera e ao desaparecimento da irmã? As suspeitas que o tinham assaltado, ao ter notícia do rapto da gentil dactilógrafa, que depois pôs de lado, voltaram a atormentá-lo de novo.

Daí a pressa com que ele se dirigia a casa de «mistress» Gordon em Long Island City. Talvez a boa velhota pudesse esclarecer ou conhecesse alguns pormenores que se ajustassem às suas suspeitas.

«Mistress» Gordon vivia num décimo quinto andar muito sossegado e agradável. Quando Charles Read se fez anunciar, ocorreu em alvoroço, a recebê-lo.

Ela não tinha a menor intimidade com Read; vira-o apenas uma vez, mas sua filha falava-lhe constantemente dele. E a boa velhinha considerava-o como uma espécie de parente querido, que vive numa terra distante e há-de regressar um dia.

Ao vê-lo, abraçou-se a ele, a chorar. — Eu sabia que «mister» Read havia de vir cá... Dorothy tinha razão... O senhor havia de aparecer.

O polícia reprimiu a grande comção que aquele encontro lhe produziu. Tentou acalmar a boa senhora, que enxugando as lágrimas, dizia em voz lamentosa:

— Estava reservada para mais este golpe, antes de morrer... O coração adivinhava-me que mais uma grande fatalidade havia de arrebatar-me esta filha como já me arrebata a outra... Oh! Tudo por culpa daquele homem! É ele o verdadeiro assassino das minhas filhas... Foi o da outra, é o desta, agora!...

— Acalme-se «mistress» Gordon — aconselhava Charles Read.

— Eu venho precisamente para ver se consigo restituir-lhe as suas filhas queridas... Pelo menos, Dorothy...

— Pelo menos Dorothy, que era tão boa rapariga e que tanto o estimava, «mister» Read — acudiu nervosamente a velha. — Ela bem queria falar consigo: antes de empreender as demarches que a perderam. E eu, inconscientemente, dissuadi-a disso, para evitar maçadas a um «detective» como o senhor, que tem sempre tanto que fazer. Agora, estou arrependida, mas é tarde... Ela coitada é que tinha razão...

— Mas Dorothy mostrou vontade de me falar, antes de desaparecer? — inquiriu Read.

— Sim — disse «mistress» Gordon. — Ela queria que o senhor se interessasse pelas investigações sobre o desaparecimento da irmã. Tinha revelações importantes a fazer, principalmente sobre aquele maldito, que se diz nosso amigo só para nos perder.

— Mas a quem se refere? — perguntou Charles.

— A John King! — exclamou a velha. — Dorothy estava convencida de que John King assassinara a irmã... Há dias teve a coragem de lho dizer na cara, afirmando que ia convidá-lo ao senhor a descobrir tudo...

Charles Read não ouvia, devorava as palavras da mãe de Judy.

— Escute — disse ele. — Falemos com calma. Quero que me diga tudo o que sabe e tudo o que Dorothy sabia. Porque suspeitavam de King?

— Por causa da maldita esfera de aço... King, ao dar por falta da esfera, acusou Judy de lhe roubar. Creio que levou a sua vingança até o ponto de a fazer desaparecer... Matou-a talvez... E agora, com receio de ser desmascarado, fez o mesmo a Dorothy... Oh! O coração adivinha-me tudo... Foi aquele maldito...



SOLANGE DE MANCOUX fazendo, no Instituto Francês, a sua conferência sobre «A evolução da música coral desde S. Gregório a J. des Prés».

MEDICINAL

PASTA COUTO

TRATA gengivas descarnadas ou sangrentas

EVITA estomatites mercuriais ou biarmuticas

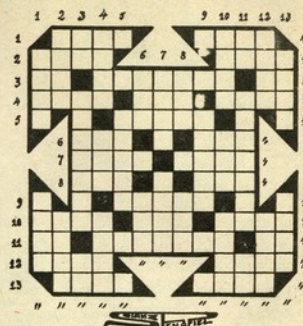
MATA os microbios da boca, que dão causa a tantas doenças graves

Couto, Lda. Porto

Uma nova verdade principiava a surgir ante os olhos do polícia. Revia mentalmente as atitudes duvidas de King, as suas reservas e os seus receios. E de súbito lembrou-se das suas palavras, quando conversava com ele no automóvel, acerca da pessoa que lhe vendera a esfera: «essa mulher já

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 16



HORIZONTAIS: 2 — Par. 4 — Lad. 6 — Apêgo. 7 — Má. 9 — Aio. 10 — Az. 12 — Leme. 14 — Trom. 16 — Minava. 17 — Temias. 18 — Soro. 20 — Ralo. 21 — Rã. 22 — Mar. 24 — Sô. 25 — Cabal. 27 — Areia. 28 — Eça.

VERTICAIS: 1 — Cadeia. 2 — Papa. 3 — Rogo. 4 — Lá. 5 — Sô. 7 — Menor. 8 — Amará. 10 — Armas. 11 — Zoilo. 12 — Lis. 13 — Evo. 14 — Ter. 15 — Mão. 19 — Cabeça. 22 — Maré. 23 — Raia. 25 — Cá. 26 — Lá.

PROBLEMA N.º 17

HORIZONTAIS: 1 — Alão; Debaixo. 2 — Maçada; Noite. 3 — Ele; Homem alto; Prefixo de negação. 4 — Rede; Experiência; Água-mel. 5 — Luz. 6 — Fogão; Peixe, espécie de «Ujo». 7 — Bacanal; Céu. 8 — Soldada, que se paga mensalmente; Furor. 9 — Turvo. 10 — Trocaxinas; Altar; Preguiçoso. 11 — Aparência; Estrondo (de arma de fogo); Nota musical (ant.). 12 — Energia; Perfeição. 13 — Variedade de maçã doce, de pele áspera e escura; Indiferença.

VERTICAIS: 1 — Da mesma sorte; Viver. 2 — Malícia; Articulado. 3 — Artigo (pl.); Hércules; Decifrar. 4 — Elegância; Salvé; Vértice. 5 — Filete. 6 — Diana; Prefixo desig. de «Todos». 7 — Imbecil; Ramo. 8 — Elogio; Casa. 9 — Lampejo. 10 — Desterrado; Jús; Abundância. 11 — Abaixo; Mosqueado. O mais. 12 — Ágata muito fina, que apresenta camadas paralelas de diferentes cores; Desejo. 13 — Baixa; Cautela.

morreu». Inadvertidamente, John King confessava uma verdade que só ele conhecia. Ele devia ser, portanto, o assassino de Judy Gordon, de contrário não saberia que ela já tinha morrido.

(Continua)



ESTALINE e a primavera...

Estaline, o «ditador vermelho» e comandante-chefe dos exércitos russos, visto pelo caricaturista português Cândido Costa Pinto.

Vida
MUNDIAL
ilustrada



Para Célia Gámez todos os momentos são propícios à transmissão de ordens ao seu secretário

"mascotte" de uma grande actriz
Joaquim, o secretário
 de Célia Gámez
 Uma reportagem por José Luís Filipeiro

anos fui botones de café. E sempre fazendo honradamente pela vida, servi sob os ordens de Marquez durante muitos anos. E quando este se retirou pela primeira vez, possi para a Companhia teatral de Aurora Redondo e Valeriano de Leon com os quais percorri a América do Sul. Nessa organização ocupei o lugar de secretário e... algumas vezes de actor!

— De actor?
 — Sim. Entrei em cena muitas vezes, ora para fazer substituições, ora para desempenhar papéis em que havia de falar e bastante.

«Valeriano que me distribuía papéis, era porque lá tinha as suas razões — e isto sem vaidade da minha parte. E lembro-me da seguinte frase que tanta vez disse ao interpretar o «pregonero» da comédia «Viva Alcurcon que és mi pueblo»:

«De orden del señor alcalde se proibe tirar al redondel, sandias, melones, cás-caras de pepinos, botellas y otras hortali-zas».

«Entre no filme «El hombre que se quizo motor» extraído da obra de Wenceslau Fernandez Flores, e já fui convidado para desempenhar um longo papel num outro, «Hombrecillo», em que Carlos

Arniches ao escrever a obra teatral do mesmo nome, se inspirou na minha pessoa.

— Há quanto tempo é secretário de Célia Gámez?

— Há oito anos. Tenho por ela uma adoração como se pertencesse à sua família. A sua alma de artista é tão grande, como o seu coração de mulher em que não é possível caber mais generosidade. Como actriz no seu género, não conheço outra que seja mais animada pelo fogo da sua arte. Dispõe não só dum irremediável dinamismo, como o transmite a toda a companhia que está integrada, em absoluto, na sua maneira correcta e expressiva de realizar teatro. E mais afirmo: Célia dança estupendamente, à guitarra, no tão castiço baile espanhol — ou não fosse filha de pais andaluzes — e nunca aproveitou essas qualidades no tablado. Tal é a suprema visão que ela tem do teatro moderno.

Joaquim fala com sinceridade e bem reconhecemos a verdade das suas palavras, pois vimos acompanhando o progressivo resplandecer da personalidade de Célia Gámez desde a sua apresentação no Trindade, em fim de festa, e depois no Eslava de Madrid, — o querido teatro dos seus êxitos — na zarzuela

De moço de espadas a secretário teatral
 — O actor de teatro e de cinema — O coração e a arte duma formosa mulher
 — Os apaixonados por Celia — O actor Salsaparrilha — O conteúdo da maleta de "Peppina".

UM caso inopinado colocou-nos frente a frente com uma daquelas figuras em quem se advinha qualquer coisa de estranho e sensacional. E à medida que a conversa avançava, mais se avolumava no nosso espirito uma incógnita para a qual buscávamos solução.

— De onde conhecemos este individuo? perguntámos a nós próprios.

Examinávamos a sua estatura de um metro e picos de alto, o olhar vivo, a cabeça encravada entre os ombros e ainda a sua palavra fluente.

A pouca e pouca a bruma se foi desfazendo para surgir a claridade a desvendar o que parecia mistério.

E, por fim, concluímos que estávamos diante do popular Joaquim que foi moço de estoques do afamado matador madrileño Antonio Marquez.

Tôda a Espanha taurina e teatral o conhece por Joaquim. Simplesmente o Joaquim.

Por Joaquim Hernandez — é o seu nome completo — ninguém pode perguntar, por ser fácil julgar-se que se trata dum obscuro. Agora o Joaquim que acompanhou o toureiro Antonio Marquez, o actor estupendo que é Valeriano de Leon e, presentemente, a bellissima artista Celia Gámez, esse sim, goza de muita popularidade, mercê da sua actividade e da sua intelligência.

Isto de ser moço de espadas ou secretário duma figura do teatro, da for-

ma dedicada como Joaquim o exerce, não é tarefa isenta de dificuldades, dadas as provas de extrema confiança que o cargo requiere. Honesto, e conhecedor profundo dos assuntos que se prendem com o meio, êle sempre tem disfrutado de prestígio e simpatia, e por isso... lo buscan.

É público e notório que o talentoso escritor aragonés Marquez de la Codena — que firma os seus artigos com o pseudónimo «Don Indalécio» — tem por Joaquim uma funda consideração.

A primeira vez que Joaquim veio a Lisboa, foi em 1927, quando Antonio Marquez, Manolo Martinez e Zurito, foram os heróis duma grandiosa corrida a favor da Cruz Vermelha, realizada sob o patrocínio do Sr. Governador Civil, e em que foram estaqueados toiros de D. Matias Sanchez, antes Três Palácios. É notámos então que no teio se agitava um homem de minúscula oparência e acompanhava a lide com uma atenção e um nervosismo, com se fôsse o máximo interessado no resultado da função. Era o Joaquim, o homem da confiança de Antonio Marquez o qual esteve muito bem e emocionou grandemente nessa tarde.

E ao recordar isto, diz-nos:
 — Não é fácil esquecer-me quem alguma vez me viu. És que mi fisionomia no se despinta!

— Como tôda a gente que trabalha, usted deve possuir a sua história!

— Verdade que la tengo. Aos quinze



Joaquim entregue aos seus afazeres epistolares



O carinho e a ternura que a Companhia dispensa a Joaquim, estão bem expressos neste «cliché».

«Las Castigadoras» e na revista «Carnet de Eslava» em que era incedível de frescura, beleza e jovialidade. Também nos acode à memória «Las leandras», de retumbante sucesso.

—Consta que Célia vai casar com um dos mais novos e categorizados toureiros da actualidade?

—Eso son «faenas» de mentideros. Casar?... De facto como mulher bonita e magnífica e cativante actriz que é, Célia tem uma côrte de apaixonados que lhe oferece amor às toneladas. Continuamente são recebidas cartas com declarações de afecto que atinge o cúmulo da ardência. Nas centenas de missivas há manifestações amorosas de várias classes: amor doce e meloso; impetuoso, destemplado e pouco correcto como o que dimana dos terríveis ciúmes.

«Um dos pretendentes ao coração de Célia, chegou a pronunciar-se contra a anti-romantismo actual.

«Também os há que vivem em êxtase contemplativo, alternando com os violentos que confessam estar subjugados por um amor que pode conduzir o homem aos campos do bem e da felicidade, ou arremessá-lo para los senderos de la perdición!

«Certa vez surgiu um muchacho atacado de paixão aguda, e aparecendo em todos os lados onde Célia trabalhava, com tal exôgêro de procedimento, que se impôs a necessidade de chamar para o rapaz, a atenção da família. Queria por força matrimoniar-se com Célia... e formar companhia. Mas que companhia!

—O que era êle, socialmente?

—Maniaco, nada más!

—E por cá tem havido corações em chama?

—Alguns. Mas aqui abundam os pedidos de fotografias com dedicatória.

—Que tal se deu a companhia no Pôrto?

—Admiravelmente. Não são de esquecer as homenagens aí recebidas. Os artistas já estavam tão familiarizadas com o público, que êste os saudava en la calle, e ao excelente actor cómico Casaravilla, chamava o Salsaparilha!

muito mais do que pesa.

Quando num dos quadros da linda opereta-fantasia «Peppina», o velho actor Palomero, no papel do pachorrento criado Cirilo, pergunta a Célia o que traz na maleta ela contesta galante e decididamente: —Todo o meu vestário, a rádio, o termo e o cão.

Quanto a nós devia acrescentar: Y tambien Joaquinillo, o secretário que é uma verdadeira e inseparável mascote.

MORREM OS DENTES ADOCEM AS GENGIVAS nas bôcas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bôcas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. **NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

Os homens não se medem aos palmos e êste Joaquim que fala pelos cotovêlos e tem uma prodigiosa memória, vale



O PRIMEIRO PETROLEIRO PORTUGUÊS — que é também o maior navio construído até hoje em Portugal — o «São Braz», momentos antes de ser lançado à água no Arsenal do Alfeite.



A CERIMÓNIA DA BENÇÃO do novo petroleiro português que, dentro de cinco meses, deve estar em condições de empreender a sua primeira viagem.



UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA ao seão recreativo promovido pela Emissora Nacional e pela F. N. A. T. e dedicado aos operários da Fábrica Lumiar.



O SR. DR. MANUEL MURIAS, durante a conferência que fêz recentemente no Instituto de Cultura Italiana.



A POSSE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA do novo Sindicato Nacional dos Empregados de Administração e Revisores da Imprensa



ASPECTO DO BANQUETE DE HOMENAGEM aos srs. drs. João Cândido de Oliveira e Francisco Carraqueiro Cambournac promovido pelos seus colegas do curso médico de 1928-29.



UM ASPECTO DA HOMENAGEM ao vice-almirante João de Azevedo Coutinho no Palácio da Independência, durante o discurso do sr. prof. Marcelo Caetano



O SR. DR. COSTA LEITE (Lumbralos), presidente da Junta Central do L. P. e ministro das Finanças, pronunciando na Emissora Nacional a palestra inaugural da série anti-comunista.



Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
13,15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s)	
		G R U 31,75 m. (9,45 mc/s)	
13,30	Actualidades	G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
22,00 (*)	Noticiário	G R X 30,96 m. (9,69 mc/s)	
		G S B 31,55 m. (9,51 mc/s)	
22,15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

GRAMOFONES

ACABA DE
CHEGAR
NOVA
REMESSA DA
AFAMADA
MARCA
INGLESA

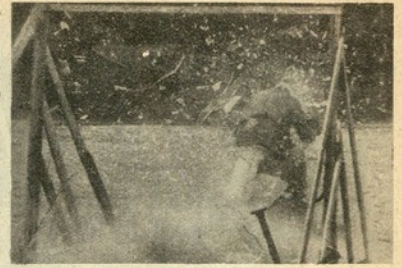
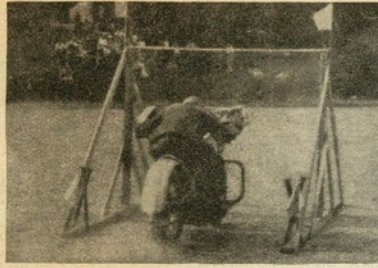


"His Master's Voice"

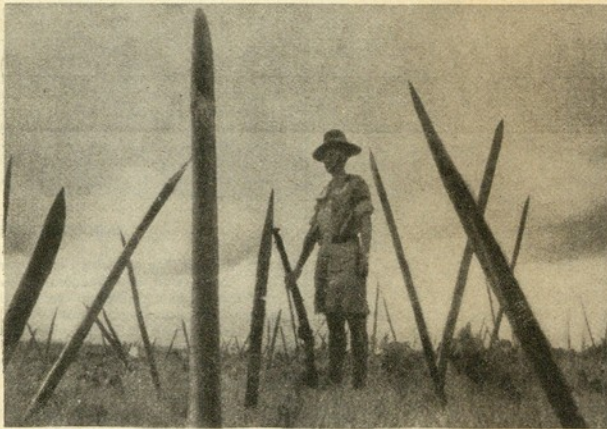
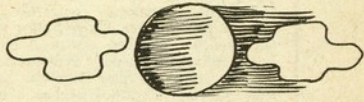


Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Rua Nova do Almada, 97
LISBOA

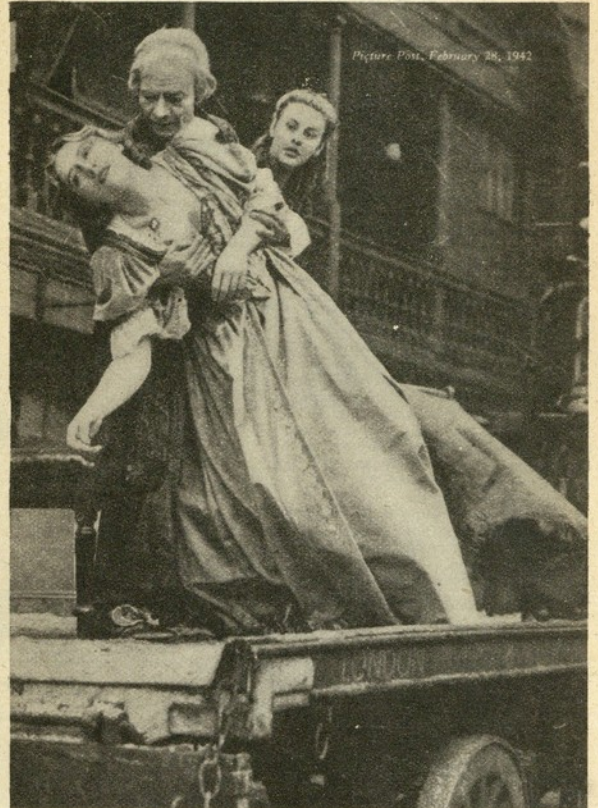
Imagens pitorescas do MUNDO



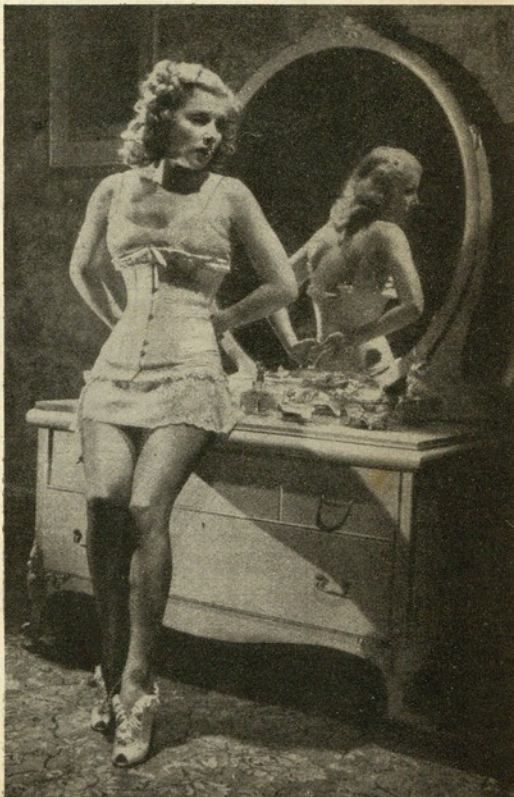
DESPORTOS VIOLENTOS — Um motociclista suíço que, a grande velocidade, atravessa uma chapa de vidro fixada verticalmente no solo.



CONTRA OS PARAQUEDISTAS — Na Birmânia, está a utilizar-se este processo contra eventuais paraquedistas japoneses. O solo, nas grandes planícies, está espetado de lanças indígenas que formam verdadeiras florestas.



UM PALCO NUM CAMIÃO — Um grupo de artistas teatrais ingleses está a representar ao ar livre, junto da célebre estalagem de George Inn, a peça de Dickens «The Tale of Two Cities». O teatro é ambulante e a cena desenrola-se num camião.



UMA FOTOGRAFIA INDISCRETA: ANN SHERIDAN, a «girl oomph», a rainha do «sex-appeal», com um espartilho do século passado. Trata-se dum cena dum filme, é claro...



AS JAPONESAS NA GUERRA — Um destacamento da Polícia Feminina de Pequim, encarregada da fiscalização de armas e contrabando de guerra.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

BRITO CAMACHO acaba de surgir, diante de mim, nas páginas evocadoras dum livro que, sem favor, se pode classificar de interessantíssimo. Firman esse livro dois nomes que são, desde logo, a garantia do seu êxito literário: Ferreira de Mira e Aquilino Ribeiro. Camacho homem público e o Camacho homem de letras estão ali revelados com a nitidez de dois sugestivos retratos à pena. O volume tem, de resto, uma excelente oportunidade. De facto, à volta de Brito Camacho continua a persistir um incontestável alvoroço. Não obstante a morte o ter levado, na sua implacável asa negra, não falta por aí quem o aplauda e quem o patie como se ele vivesse ainda. Esse homem que exerceu um papel de capital importância na nossa vida política e literária, dir-se-ia sobreviver em cada hora que passa, não apenas na saudade dos seus amigos, mas na recordação, mais ou menos mordentes, dos seus inimigos. Ferreira de Mira e Aquilino Ribeiro, notando esta circunstância, deram-nos, entretanto, ensejo — que maravilhoso poder o da evocação! — de ressuscitar para o nosso convívio esse autêntico «alentejano do Chiado», espírito brilhantíssimo de escritor que a política não conseguiu obscurecer e cujo invólucro físico, enfiado num fato mal feito e num chapéu mole às três pancadas, nunca pensou em deslumbra-ninguém com as suas atitudes de figurino.

O MUNDO

A propósito de Brito Camacho não deixa de ser curioso recordar a opinião que ele sustentava a respeito da criação do orbe. Dizia ele: — Confesso que não descortino bem porque é que Deus fez o mundo. O certo é que o fez e, na opinião autorizada dos maiores doutores da Igreja, fê-lo dum bocadinho de nada — que era então a única matéria prima disponível.

BOURBON E MENEZES

NUM artigo recente do *Notícias*, Bourbon e Menezes segredou-nos que deitara uma galinha com o inefável e fecundo prazer dum verdadeiro galo de Apolo. Eis uma atitude que podia classificar-se de paternal se o escritor não destinasse a fins puramente culinários os produtos daqueles ovos de ouro. Mais uma vez se verifica — Bourbon que me perdoe a constatação do facto — esta coisa inquietante: que a literatura pode esconder apetitosos, mas cruéis, designios.

A GRAMÁTICA

A NUNCIA-SE para o *Maria Vitória* uma revista intitulada *Estás a ver, ó Viroscas?* Os seus autores, aliás pessoas cultas, não foram positivamente felizes na escolha do título da sua obra. Um escritor illustre ainda ontem nos dizia, a propósito: — Quando se criará entre nós a *Censura Gramatical?*

ARNALDO RESSANO GARCIA

ESTE nosso querido inimigo e illustre professor catedrático da Faculdade de Ciências escreve-nos afirmando-nos que não é da sua autoria o soneto que, na penúltima *Calçada da Glória*, gloriosamente lhe atribuímos. Registamos a sua afirmação, só lamentando não podermos afinal juntar à sua obra de ironista (que o é, e dos melhores) mais aquela obra-prima...

AUTO VICENTINO



Entra José Vicente, de luvas e espada de ouro, e fazendo mesuras, diz:

JOSÉ VICENTE

Quem me vir porque aqui estou
Com estes jeitos qu'eu faço
A tremer como quem ama
Cuidará que já não sou
O Zé Vicente de fama
«Deo gratias» não me pertence
Nem «para sempre», nem nada,
Senão espada dourada,
Porque muito bem parece
A' cinta trazer espada.
Eu sou levado da breca
E por se não duvidar,
Já corri seca e meca,
Deixei crescer a careca
Sem nunca a mandar rapar!
Sou da Ilha da Madeira
E assim desta maneira
Falo, muito doce, cortez.
Com favor ou desfavor
Ministraq fui muitas vez.
Obras minhas, quanto pude
As fiz, melhor ou pior,

Mas glória é como grude
Que se derrete ao calor.
Quem já se lembra de mim
Nesta vida atribulada?
E porque tudo s'enfria,
Ando assim de sormalia
E auspiro d'empregada.
O auto que ora vereis
Se chama, irmãos queridos,
«Romagem dos esquecidos»
Linda que alguns achareis
Vaidosos de presumidos.
Desta obra santa «ecetra»
Quisera dizer quem são
As figuras que aparecem
Por s'entender bem a letra,
Porém, certo, adivinhais
Devagar e sem questlic
Porque o mundo é pequeno:
Vem o Oscar que é meu filho
E é toda a minha riqueza,
Meu irmão Nepomaceno
Mais toda a minha familia...
— Esses virão com certeza!

(Excerpto dum auto vicentino, inédito).

PROCESSOS

ANTONIO Lopes Ribeiro instaurou um processo contra *Os Rídiculos*; por sua vez *Os Rídiculos* instauraram um processo contra António Lopes Ribeiro. Motivos: divergências de opiniões acerca do filme *Pátio das Cantigas*. Quem tem razão? Leia-se a resposta no próximo número.

DECISÕES

O célebre escritor Dostoiévski ditava à sua dactilógrafa um profundo artigo sobre as vantagens da solidão, quando se lembrou improvavelmente de lhe propor isto: casar com ela. A rapariga aceitou, convencida — é claro — de que o seu casamento com Dostoiévski não perturbaria as vantagens que ele acabava de exaltar.

CARLOS FERRÃO

PEDI há dias a Carlos Ferrão para nos contar uma anedota da sua existência. Logo o conhecido cronista da política internacional nos respondeu: — Uma anedota da minha vida? Mas como, meu amigo, se eu tenho vivido sempre entre dramas, internacionalmente falando, é claro!

O DR. RAMADA

HÁ pouco uma senhora entrou numa livraria e pediu o último livro de Ramada Curto. Ao ver o volume envolto na sua capa de papel celofane, exclamou, surpreendida: — Oh! O Ramada transformado em rebuçado!

ONTEM, em certa repartição apanhou subitamente o chefe que gritou, vendo os empregados em grande galhofa: — Isto parece uma escola, com seiscentos mil canecos! Logo um dos empregados: — Uma escola em que os alunos no fim do mês apanham «notas» baixas...

KNOX

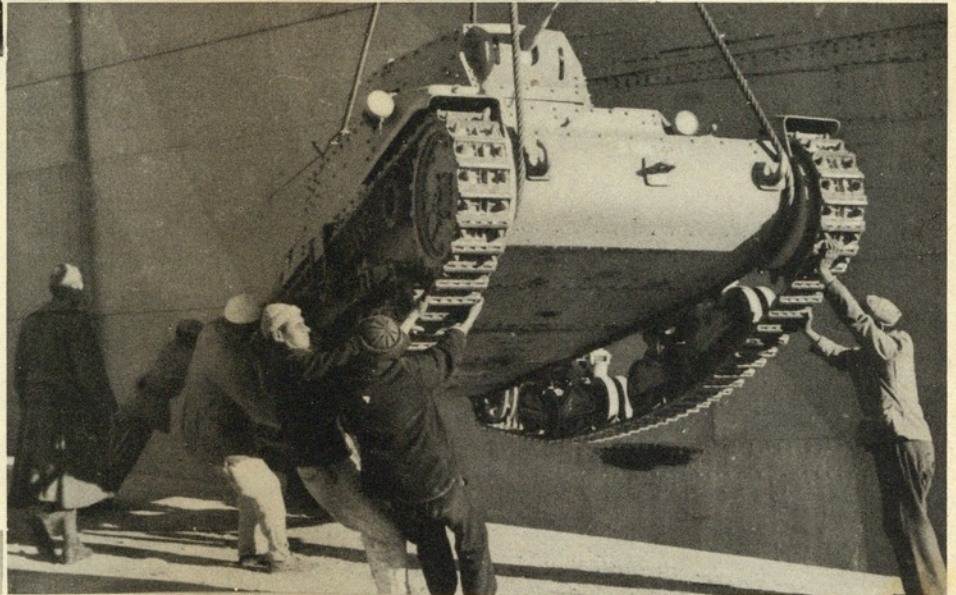
KNOX — ministro da Marinha americana e de quem Guedes de Amorim nos traçou recentemente, numa pequena brochura, um retrato sugestivo — conheceu na mocidade uma linda rapariga que cursava Direito. Namoraram-se. Uma tarde ele ofereceu-lhe um juramento e uma flor. «Queres ser minha mulher?» Ruborizada ela respondeu que sim. Então Knox traçou na areia do chão esta data: 1896... Já lá vão 46 anos e Knox, extraordinário homem de acção, ainda conserva, dentro de si, um certo romantismo...

AS VÉSPERAS

PREGUNTARAM, um dia, a Alice Ogando qual era, na sua opinião, o melhor dia da existência. Não hesitou na resposta: — O mais belo dia da existência é a vésperal

Luís D'Alveira

Na Itália e em África



ACTUALIDADES DE GUERRA ITALIANAS EM ÁFRICA E NO CONTINENTE. De cima para baixo: O «Duce» passa em revista uma seção da Milícia fascista durante as comemorações do 19.º aniversário da fundação daquele organismo. Os filiados da Milícia saúdam-no levantando os punhais. — Desembarque de carros blindados num porto da Líbia de bordo dum navio italiano. — Na Cirenaica, soldados italianos atacando com lança-chamas e granadas de mão uma posição inimiga.



LUCE



QUANDO GAMELIN ERA GENERALÍSSIMO DO EXÉRCITO FRANCÊS — O comandante-chefe dos exércitos aliados em 1939-40, agora julgado no tribunal de Riom, durante a sua última visita a Londres para assistir a uma reunião do Conselho dos Aliados.

